

ESPÉCIES NOVAS DE *MYRCIA* DC. E *MARLIEREA* CAMBES. (MYRTACEAE)

Graziela Maciel Barroso¹
Ariane Luna Peixoto²

Recebido em 02.08.90. Aceito em 10.08.90

RESUMO – O trabalho trata de espécies novas de *Myrcia* DC. e *Marlierea* Cambes., dois gêneros de Myrtaceae da subtribo Myrciinae, da Reserva Florestal de Linhares, Espírito Santo, Brasil. Na área são conhecidas 18 espécies de *Myrcia*, 5 das quais são agora descritas. O gênero *Marlierea* está representado por 12 espécies, uma das quais é descrita como nova. Os novos taxa são ilustrados, e feitos comentários sobre relacionamento entre espécies afins.

Palavras-chave: Myrtaceae, *Myrcia*, *Marlierea*.

ABSTRACT – This paper deals with new species of *Myrcia* DC. and *Marlierea* Cambes., two genera of Myrtaceae subtribus Myrciinae, from the Reserva Florestal of Linhares, Espírito Santo, Brazil. From this area, 18 species of *Myrcia* are known, 5 of which are new to science and described here. *Marlierea* is not as rich in species as *Myrcia* but it is represented by 12 species, one here described as new. The new species are illustrated and some remarks are made about their relationships.

Key- words: Myrtaceae, *Myrcia*, *Marlierea*.

Introdução

A Reserva Florestal de Linhares, de propriedade da Companhia Vale do Rio Doce (CVRD), situada no município de Linhares, norte do estado do Espírito Santo, ocupa uma área de cerca de 22.000 ha. florestados. A vegetação está constituída por um misto de espécies características da mata de tabuleiros (hiléia bahiana), de espécies da mata atlântica, algumas espécies amazônicas e outras de distribuição mais ampla, extrabrasileira. Uma das famf-

1 – Jardim Botânico do Rio de Janeiro, Rua Pacheco Leão 915, CEP 22460, Rio de Janeiro, RJ, Brasil. Bolsista do CNPq.

2 – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Instituto de Biologia, Caixa Postal 74 582, CEP 23851, Seropédica, Itaguaí, RJ, Brasil. Bolsista do CNPq.

lias de plantas com maior representatividade, quer em número de indivíduos, quer em espécies (Peixoto & Gentry, 1990), é a das Myrtaceae, da qual foram levantadas 96 espécies. Das três subtribos que integram a tribo Myrteae, foi a das Myrciinae que apresentou maior número de representantes, seguindo-se a das Eugeniinae; as Pimentinae são menos numerosas em gêneros e espécies.

Algumas das exsicatas estudadas correspondentes às Myrciinae, depois de muitas tentativas infrutíferas para identificá-las com espécies já conhecidas, foram considerados taxa novos para a ciência. Se levarmos em conta que o estudo das Myrtaceae do sudeste do Brasil foi feito por Berg (1857-1859) e não revisado desde então, não é de estranhar o fato de, ainda, aparecerem espécies novas nessa região, principalmente no gênero *Myrcia*, cujo total de representantes não é bem delimitado e talvez exceda a 300 (Mc Vaugh, 1969). Desse gênero, são descritas agora 5 espécies novas e uma para o gênero *Marlierea*.

Os binômios escolhidos para as espécies constituem homenagem a servidores da Reserva Florestal de Linhares, como Domingos A. Folli, Gilson L. Farias e Isaias A. Silva (*in memoriam*), coletores de material botânico, treinados e experientes, que muito têm ajudado aos sistematas que estudam as plantas da Reserva. Outra espécie é dedicada ao casal Haroldo e Marli de Lima, taxonomistas que, também, estão desenvolvendo trabalho sobre plantas da Reserva. A espécie de *Marlierea* recebeu o nome de D. Sucre, botânico que por muitas vezes visitou e coletou no norte do Espírito Santo, tendo vasta coleção depositada no herbário do Jardim Botânico do Rio de Janeiro.

Resultados e Discussão

Myrcia follii Barroso & Peixoto (sectio *Aulomyrcia*) *sp. nov.*

Figura 1a-c

Arbor ca. 14m alta, caule terete, exophloeo aspero, ca. 13cm diâmetro, ramis teretibus, glabrescentibus. Folia petiolata, oblonga, 20-22cm longa, 7-9cm lata, carthacea, basi et apice acuta, discoloria, supra glabra, subtus pilosa, pilis dibrachyatis rufescentibus, deciduis; punctis glandulosis pellucidis inconspicuis; nervo medio supra tenue, impresso-canaliculato, subtus prominente, rufo-hirsuto; venis lateralibus ca. 30, tenuissimis, in ambabus paginis manifestis, patulis; intersecundariis tenuioribus quam lateralibus, parce ramosis et reticulum laxum parce conspicuum formantibus; nervo marginale intra marginum 3mm arcuato. Petiolum ca. 1cm longum, canaliculatum. Paniculae 2-nis brevi pyramidales 8-9cm longae, terminales, rufo-pilosae, ramis compressis 2-3cm longis, botryoidibus. Alabastrum rufo-pilosum, glandulosum, ca. 0,4cm longum, hypanthio dense rufo-tomentoso, calycis lobis 5, crebe glandulosis, membranaceis, inaequalibus, 2 parvis, 2 minimis et 1 majore, rotundato tegeren-

te alia; pétala glabra; ovário 3-loculare; stylus glabrus. Bacca glandulosa, rufo-pilosa, ca. 1,3cm diâmetro, flava, calyce coronata.

Holotypus – Espírito Santo, Linhares, Reserva Florestal da CVRD, estrada da Farinha Seca, 23.XI.1988, fl. D.A. Folli 821, CVRD. *Isotypus* RB. *Paratypus* – Ibidem., 8.III. 1989, fr. G.L. Farias 255, CVRD. *Isoparatypus* RB.

Árvore com ca. de 14m de altura, fuste cilíndrico de ritidoma áspero com ca. de 8m de comprimento, ca. de 13cm de diâmetro a altura do peito, diâmetro da copa ca. de 4m; ramos cilíndricos, glabrescentes. Folhas pecioladas, oblongas, de base e ápice agudos, com 20-22cm de comprimento e 7-9cm de largura, cartáceas, discolores, glabras na face ventral, pilosas na face dorsal, com pêlos dibráquiados, rufo, caducos; nervura central fina, impresso-canaliculada na face ventral, saliente e rufo-hirsuta na face dorsal; nervuras secundárias ca. de 30 pares, muito tênues, manifestas nas duas faces, nervuras intersecundárias um pouco mais finas que as laterais, ramificadas, formando retículo de malhas frouxas; nervura marginal a ca. de 0,3cm distante da margem; pecíolo canaliculado, com ca. de 1cm de comprimento. Inflorescências em panículas piramidais, até 3 no ápice dos ramos, com 8-9cm de comprimento, rufo-pilosas, com ramos comprimidos de 2-3cm de comprimento, botrióides. Botão floral oboval, rufo-piloso, glanduloso, com ca. de 0,4cm de comprimento, hipanto densamente rufo-tomentoso, lobos caliciniais 5, membranáceos, densamente glandulosos, desiguais entre si, dois menores, dois médios e um maior recobrando os demais; pétalas glabras; ovário 3-locular, estilete glabro. Baga globosa, glandulosa, de início rufo-pilosa com ca. de 1,3cm de diâmetro, quando madura de cor amarela, coroada pelo cálice persistente.

Myrcia follii Barroso & Peixoto difere de *Aulomyrcia lucida* Berg var. *grandifolia*, que ocorre no Rio de Janeiro, pelas dimensões maiores das folhas, pelo indumento de pêlos dibráquiados, (não seríceos), lobos do cálice não cilíndricos e estilete glabro (não seríceo).

De *Myrcia rufipila* Mc Vaugh, que ocorre no Pará, com a qual segundo a chave de identificação publicada por Mc Vaugh (1969) participa de muitos caracteres comuns, difere pela panícula mais curta, de 8-9cm de comprimento, lobos caliciniais glabros, ovário trilocular e frutos maduros amarelos. *Myrcia rufipila* Mc Vaugh apresenta panícula com cerca de 15cm de comprimento, com pêlos castanhos a alvos e frutos maduros atropurpúreos. Como caracteres comuns às duas espécies podem ser citados o porte arbóreo, e as folhas cartáceas com a nervura média impresso-canaliculada na face superior, nervuras laterais e aréolas do reticulado muito tênues, porém visíveis em ambas as faces da lâmina.

Myrcia follii Barroso & Peixoto ocorre em floresta alta, como integrante do estrato arbóreo inferior e é conhecida na região pelo nome “Araçá-coelho”.

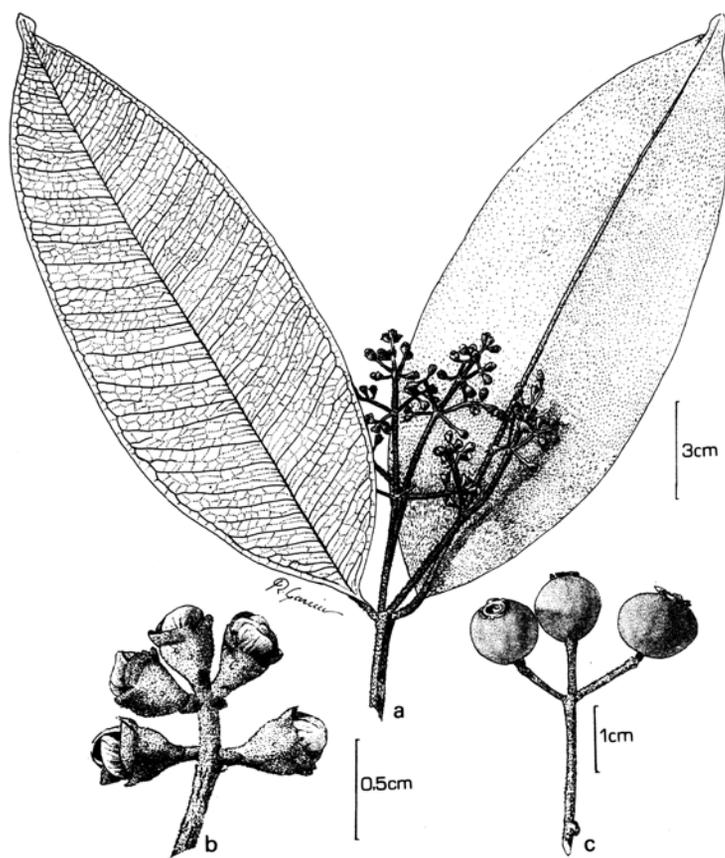


Fig. 1 – *Myrcia follii*: a. hábito; b. detalhe da inflorescência (D.A. Folli 821); c. fruto (G.L Farias 255).

Myrcia gilsoniana Barroso & Peixoto (sectio *Aulomyrcia*) sp. nov.

Figura 2a-c

Arbor ca. 12m alta. Folia oblonga, apice et base acuta, ca. 12cm longa, 3cm lata, coriacea, supra glabra, lucida, subtus pilis dibrachyatis albis, brevis et deciduis, creberrima punctatis, glandulis minutissimis, fuscis, impellucidis, praecipue in foliis novellis, nervo medio supra lato et plano, canaliculato ad centrum, subtus incrassato, venis lateralibus utrinque 13-16, tenuibus, oblique erectis, intersecundariis vix conspicuis, parce ramosis, non reticulatis, nervo marginale ca. 0,3cm a margine distante. Petiolum canaliculatum 1cm longum. Panicula terminalis, multiflora, 10-12cm longa, pilosa, pilis brevibus. Alabstrum clavato-turbinatum, glabrum, creberrime punctatum glandulosum ca. 4cm longum base macula pili albi hirti, proxime insertionis ramorum disposita, hypanthio supra ovarium bilocularem valde producto in calycem 5-lobatum abiente, lobis inaequalibus late rotundatis, tandem patentibus.

Holotypus – Espírito Santo, Linhares, Reserva Florestal da CVRD, rio Barra Seca, próximo à casa do guarda, 8.XI.1972, fl. **J.Spada** 57, RB.

Árvore com ca. de 12m de altura, fuste com ca. de 6m de comprimento. Folhas oblongas, com ápice e base agudos, com ca. de 12cm de comprimento e 3-4cm de largura, coriáceas, glabras e lúcidas na página ventral, pilosas na face dorsal, com pêlos dibraquiados alvos, curtos e decíduos, densamente pontuadas de glândulas pequeníssimas, fuscas, não translúcidas, dispostas principalmente nas folhas jovens; nervura média plana e larga na face ventral, canaliculada no centro, espessada na face dorsal; nervuras laterais 13-16 pares muito tênues e pouco aparentes, obliquamente ascendentes, e nervuras intersecundárias pouco conspícuas, pouco ramificadas sem formar reticulado aparente, nervura marginal a ca. de 0,3cm de distância do bordo do limbo. Pecíolo canaliculado, com ca. de 1cm de comprimento. Panícula terminal multiflora, com 10-12cm de comprimento, com raque aplanada, pilosa, sendo os pêlos curtos. Botão floral clavado-turbinado, glabro, minutamente glanduloso, com ca. de 0,4cm de comprimento, provido na base, próximo à inserção dos ramos, de uma mancha de pêlos alvos e hirtos, hipanto muito prolongado acima do ovário bilocular, aberto em cálice 5-lobado, com lobos ligeiramente desiguais entre si, 4 triangulares e um arredondado, patentes na antese.

Myrcia gilsoniana é muito afim a *Myrcia stictophylla* (Berg) N. Silveira, distinguindo-se:

1. Pela forma das folhas um pouco diferente e de dimensões maiores. Além disso, em *M. stictophylla* (Berg) N. Silveira, tal como foi observado no exemplar-tipo e como sugere o nome específico, as folhas têm glândulas discoides bem desenvolvidas, esparsas, que podem ser observadas à vista desarmada.

2. Pela panícula piramidal, com ramos patentes. Em *M. stictophylla* (Berg) N. Silveira a panícula é corimbosa, e foi por essa característica subordinada por Berg (1857) à seção *Cymosae*.

3. Pelas dimensões maiores dos botões florais, embora pela forma clavado-turbinada muito particular, assemelha-se aos de *M. stictophylla* (Berg) N. Silveira.

A descrição de *Myrcia (Aulomyrcia) stictophylla* foi baseada em exemplar coletado por Sellow no Rio de Janeiro. Além do exame desse exemplar-tipo, depositado no Kew Herbarium, não se conseguiu identificar outro espécime nos diversos herbários consultados, cujas características concordassem com as descritas por Berg (1857). Este fato dificultou a comparação da espécie agora descrita com a única espécie a ela mais afim. A constatação da inexistência de exemplares de *Myrcia stictophylla* (Berg) N. Silveira em coleções de herbários bem como a não localização da espécie no campo faz supor que se trate de um taxon muito raro ou mesmo, já extinto.

Myrcia isaiana Barroso & Peixoto (*sectio Myrcia*) sp. nov.

Figura 3a-d

Arbor ca. 14m alta, caule terete, exophloeo aspero. Folia petiolata, elliptica vel elliptico-oblonga, novella pilis rufescentibus, tenuibus et brevis praecipue ad nervos dispositis; adulta glabrescentia, pilis persistentibus solum ad nervum medium et sparse ad venas; laminis 7,5-10cm longis, 3,5-4cm latis, coriaceis, basi obtusis, leviter emarginatis, apice apiculatis, apiculo triangulare ca. 0,15cm longo, obsolete pellucido-punctatis, supra glabris, bullatis, nervo medio subtus elevato, venis lateralibus utroque latere 9-12, erecto-patulis, supra impressis, subtus prominulis, intersecundariis tenuibus, parce ramosis, non reticulatis, nervo marginale inter venas laterales arcuato, a margine 0,2-0,3cm remoto. Petiolum rufo-pilosum, ca. 0,5cm longum. Panicula 9-18cm longa, ramis 2-4 teretibus, leviter patentibus, 4-8cm longis, rufo-tomentosis. Alabastrea 0,5cm longa, rufo-tomentosa, hypanthio dense tomentoso, campanulato; calycis lobis 5, ca. 0,2cm longis, late rotundatis; petalis rotundatis ca. 0,3cm longis; ovario biloculare, loculis biovulatis. Bacca globosa, ca. 1,2cm diâmetro, calyce coronata.

Holotypus – Espírito Santo, Linhares, Reserva Florestal da CVRD, estrada Orelha-de-Onça, antiga 143, 15.IX.1978, fl, I.A. Silva 21, CVRD. *Isotypi* RB, RBR. *Ibid.*, 14.XII.1988, fr, G.L. Farias 349, *paratypi* CVRD, RB.

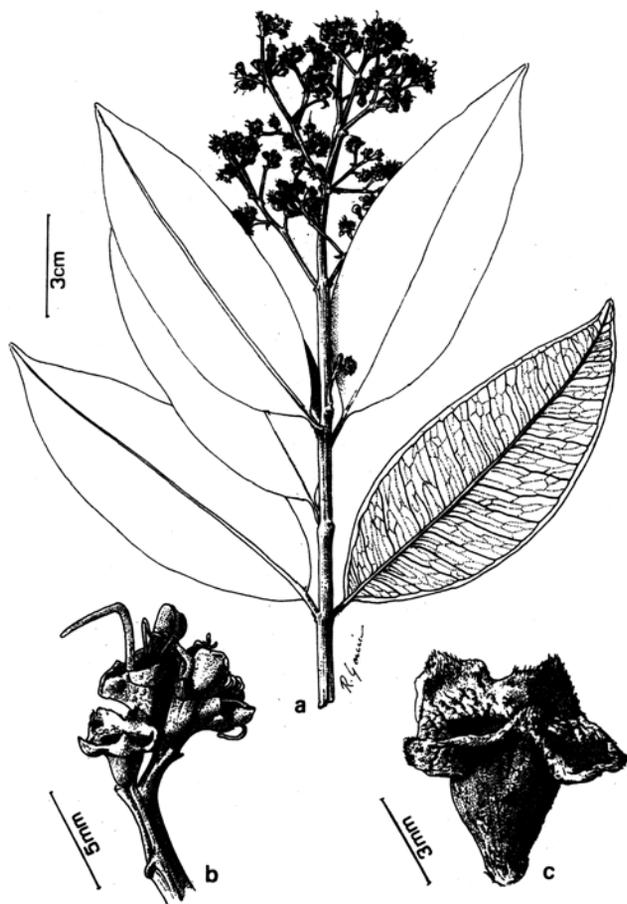


Fig. 2 – *Myrcia gilsoniana*: a. hábito; b. detalhe da inflorescência; c. detalhe da flor (J. Spada 57).

Árvore com ca. de 14m de altura, com fuste cilíndrico, de ca. de 9m de comprimento, ritidoma áspero, diâmetro à altura do peito de até 31cm e diâmetro da copa com ca. de 4m. Folhas elípticas e elíptico-oblongas, com base obtusa levemente emarginada, ápice apiculado, apículo triangular com ca. de 0,15cm de comprimento, com 7,5-10cm de comprimento e 3,5-4cm de largura, coriáceas, folhas jovens com pêlos rufescentes, finos e curtos, dispostos principalmente sobre as nervuras, nas adultas, a pilosidade só persiste sobre a nervura média e, em menor proporção, sobre as nervuras laterais, obscuramente pelúcido-pontuadas, buladas; nervura média imersa na face ventral e saliente na face dorsal, nervuras laterais 9 a 12 pares, imersas na ventral, promínlulas na dorsal, nervuras intersecundárias tênues, pouco ramificadas, sem formar reticulado aparente, nervura marginal mais ou menos arqueada entre as nervuras laterais e distante 0,2-0,3cm do bordo do limbo. Pecíolo rufo-piloso, com ca. de 0,5cm de comprimento, espessado. Panícula com 9-18cm de comprimento, com 2-4 ramos cilíndricos, mais ou menos patentes, com 4-8cm de comprimento, rufo-tomentosos, terminando por raminhos com 3 flores apicais congestas. Botões florais com ca. de 0,5cm de comprimento, rufo-tomentosos, com hipanto densamente tomentoso, campanulado; lobos do cálice 5, orbiculares com ca. de 0,2cm; pétalos arredondados com ca. de 0,3cm; ovário bilocular com lóculos biovulados. Baga globosa com ca. de 1,2cm de diâmetro, de início rufo-pilosa, quando madura de cor rósea, coroada pelo cálice persistente.

Em estágio vegetativo, pelo tipo de nervação das folhas, a espécie pode ser confundida com uma *Gomidesia*, mas as anteras muito pequenas, não têm as características daquelas tão peculiares das espécies desse gênero.

A princípio, inclinou-se a identificar o espécime como *Myrcia maximiliana* Berg, uma espécie do grupo "*Bullatae*" de Berg (1858) cujo exemplar-tipo foi coletado pelo príncipe Wied-Neuwied, em Ilhéus, BA. O hábito (frutex 3-pedalis), as nervuras laterais patentes, cerca de 25 pares, o ovário trilocular, 6-ovulado referidos na diagnose, induziram a buscar outras informações.

Mc Vaugh (1969) dá ampla informação sobre *Myrcia deflexa* (Poirlet) DC, uma das Myrtaceae da América Tropical de mais ampla distribuição (Amazônia Peruana, as Guianas e Antilhas), dando como sinônimo dela, *M. crassinervea* DC. e *M. sulcata* Berg, das quais se analisaram fototipos. Com o exame dessas fotos (respectivamente FM 1919 e FM 36569) verificou-se que as folhas desses taxons são muito semelhantes às descritas para *M. maximiliana* Berg e *M. schaueriana* Berg, outra espécie do grupo "*Bullatae*", coletada por Sellow no Rio de Janeiro. Divergem porém do material estudado, não só pelo número maior de pares de nervuras laterais, como pela disposição patente delas.

O tipo de inflorescência, representada na foto de *M. sulcata* Berg, coincide com o de *Myrcia isaiana* Barroso & Peixoto, mas Mc Vaugh descreve para ela um tipo de indumento constituído de uma mistura de pêlos eretos e agu-

dos e pêlos finos, escamosos, com aparência glandular, que não foi observado no material estudado e assim permite concluir que o espécime da Reserva Florestal da CVRD, embora deva ter afinidades com *M. deflexa* (Poirét) DC., e talvez com *M. schaueriana* Berg e *M. maximiliana* Berg, é um taxon independente.

A nova espécie ocorre em floresta alta e é conhecida na região pelo nome "Luizinho".

Myrcia limae Barroso & Peixoto (*sectio Aulomyrcia*) sp. nov.

Figura 4a-c

Frutex foliis carthaceis, glabris, oblongo-spathulatis, 22-30cm longis, supra medium, 7-8cm latis, ad medium 6-6,5cm latis versus apicem 4-3cm latis, ad apicem 1,5cm latis, versus basin 4-3cm latis, ad basin 1,5cm latis, apice leviter obtusis, base leviter emarginatis, brevi peltatis, petiolatis; nervum medium supra late applanatum, subtus prominulum, apicem versus attenuatum; venae laterales utroque latere 22-26, tenuissimae, in ambabus paginis manifestae, adscendentes, duplicato-limbinerves; intersecundariae tenuiores quam lateralibus, dense reticulatae; glandulae solum conspicuae supra nervum medium. Petiolum glabrum, planum convexum, ca. 1cm longum. Bractee 2, oblongae, acutae, foliaceae, oppositae, ad basin panícula dispositae. Panícula terminalis 25-30cm longa, 4 internodiis 3-3,5cm distantibus inter se, ramis erectis 12-13cm longis, fastigiatis, imprimis simplicibus, interdum paris ramulis ordinis secundis patentibus, 3-4cm longis ad basin bibracteolatis, bracteolis triangularibus 0,3-0,5cm longis. Flores sessiles 5-6 supra pedunculum brevem alternatum agglomerati. Alabastrum obovatum 0,3cm longum, pilosum, pilis hispidis brevis; calycis lobis 5 inaequalibus, 3 majoribus quam duobus; disco cupuliforme, grastro.

Holotypus – Espírito Santo, Linhares, Reserva Biológica de Sooretama, mata de tabuleiro, VIII. 1969, fl. **D. Sucre** 9660, RB. *Ibidem*, Santa Tereza, Rio Saltinho, 31.V.1984, fl. **J.M. Vimercat** 167, *paratypi* MBML, RB.

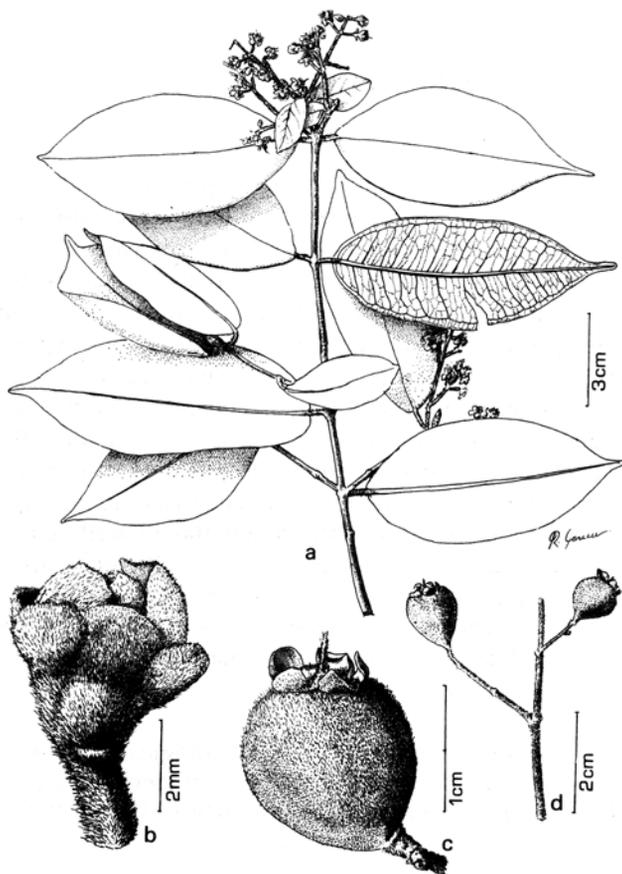


Fig. 3 – *Myrcia isaiana*: a. hábito; b. flor (G.L. Farias 349); c. ramo frutífero; d. fruto (I.A. Silva 21).

Arbusto com folhas oblongo-espátuladas, levemente obtusas no ápice e curtamente emarginadas e peltadas na base, com 22-30cm de comprimento, acima da porção mediana com 7-8cm de largura, na porção mediana com 6-6,5cm de largura, e na base com 1,5-2cm de largura, glabras, nítidas, cartáceas; nervura média aplanado-alargada na face ventral, prominente no dorso, atenuada em direção ao ápice, nervuras laterais 22 a 26 pares, muito finas, manifestas nas duas faces do limbo, ascendentes, nervuras marginais 2, a mais interna mais conspícua, nervuras intersecundárias mais finas que as laterais, reticuladas; glândulas só manifestas sobre a nervura média. Pecíolo glabro, plano-convexo, com ca. de 1cm de comprimento. Panícula terminal, com duas brácteas foliáceas na base, com 25-30cm de comprimento, ramos eretos, com 12-13cm de comprimento, fastigiados principalmente simples mas, às vezes, com poucos pares de ramos de segunda ordem patentes, com 3-4cm de comprimento, bibracteolados na base, com bractéolas triangulares com 0,3-0,5cm de comprimento. Flores sésseis, de 5-6 aglomeradas sobre pendúnculo comum curto, alternado. Botão floral com ca. de 0,3cm de comprimento, piloso, com pêlos hispídeos, curtos; lobos do cálice 5, desiguais entre si, 3 maiores e 2 menores; disco cupuliforme, glabro.

Myrcia limae, pelos conjunto de caracteres distintos, não mostra afinidades com nenhuma das espécies conhecidas.

A espécie ora descrita foi coletada na Reserva Biológica de Sooretama, no município de Linhares, em mata de tabuleiro e na Reserva Biológica de Santa Lúcia, no município de Santa Teresa, na mata atlântica. Essas duas formações florestais são distintas em diversos aspectos, inclusive pela composição florística. Algumas espécies, entretanto, compartilham das duas formações.

Myrcia riococensis Barroso & Peixoto (*sectio Aulomyrcia*) sp. nov.
Figura 5a-b

Arbor ca. 10m alta, exophloeo, laevissimi rubicundo lamellatim soluto; foliis oblongo-lanceolatis, coriaceis, glabris, 12-14cm longis, 4-5cm latis, apicem versus attenuato-acuminatis, basi obtusis, nervo medio supra tenue canaliculato, subtus prominente, venis lateralibus utroque latere 13-15, tenuissimis, patentibus, in ambabus paginis manifestis, intersecundariis tenuioribus quam lateralibus, laxe reticulatis, nervo marginale tenue ca. 0,2cm a margine distante. Petiolum 0,1-0,2cm longum. Paniculae 2-oppositae, terminales, pyramidales, laxiflorae, ramis racemosis floribus omnibus brevi pedunculatis. Alabastrum turbinatum, glabrum, glandulorum 0,3-0,4cm longum, calycis lobis 4, inaequalibus, 2 longe apiculatis et 2 mutices apice rotundatis.



Fig. 4 – *Myrcia limae*: a. hábito; b. detalhe da inflorescência; c. botão floral (D. Sucre 9660).

Holotypus – Espírito Santo, Linhares, Reserva Florestal da CVRD, Floresta alta, 30.I.1972, fl. D. Sucre 8269, RB. *Isotypus* CVRD. Ibidem, 20.II.1987, fl. A.L. Peixoto & O.L. Peixoto 2331, *Paratypus* RBR.

Árvore com ca. de 10m de altura, ritidoma avermelhado, esfoliante. Folhas oblongo-lanceoladas, atenuadas em direção ao ápice e obtusas na base, com 12-14cm de comprimento e 4,5cm de largura, coriáceas, glabras; nervura média muito fina, canaliculada na face ventral e saliente na face dorsal. sobressaindo-se do limbo, principalmente pela cor enegrecida depois de seca. nervuras laterais 13-15 pares, muito finos, patentes pouco manifestos nas duas faces do limbo; nervuras intersecundárias mais finas que as laterais, ramificadas formando reticulado frouxo, nervura marginal a ca. de 0,2cm distante do bordo. Pecíolo 0,1-0,2cm de comprimento. Panículas terminais, 2-opostas, piramidais, laxifloras, com ramos dibotrióides; botões florais turbinados, curtamente pedicelados, glandulosos, com 0,3-0,4cm de comprimento, com 4 lobos calicinais desiguais entre si, dois apiculado-mucronados e dois múticos, com ápice arredondado.

No tipo de panícula, pela forma, dimensões e reticulado das folhas, e pela flor tetrâmera, a espécie lembra *Marlierea grandiflora* Berg, mas o botão floral, embora tetrâmero é tipicamente de uma espécie de *Myrcia* (secção *Aulomyrcia*). A característica dos lobos calicinais, marcante nessa espécie, parece não ter similar entre as espécies brasileiras de *Myrtaceae*.

Myrcia riocensis Barroso & Peixoto ocorre em floresta alta e destaca-se, no campo, pela cortex vermelho-escuro, papirácea e pela inflorescência nitidamente 2-oposta.

Marlierea sucrei Barroso & Peixoto *sp. nov.*

Figura 6a-d

Arbor 6-12m alta, exophloeo laevissimi, rubicundo, lamellatim soluto, ca. 9cm diâmetro. Rami teretes, cataphyllis vaginantibus, superimpositis, membranaceis, dorso ferrugineo-tomentosis, supra glabris et glandulosis, ca. 13cm longis, delapsis; foliis oblongis, discoloribus, coriaceis, pilosis vel glabrescentis, pilis dibrachiatis deciduis, 15-25cm longis, 7-11cm latis, apice abrupto-acuminatis, acumine ca. 1,5-2cm longo, basi rotundatis, supra nervo medio appanato, dense glanduloso et pilis sparsis, subtus prominenti apicem versus attenuato, nervis lateralibus utroque latere 20-35 tenuibus, supra depressis, subtus leviter prominulis, intersecundariis tenuioribus quam lateralibus, laxe reticulatis. Petiolum plano convexum, robustum ca. 1,2cm longum. Inflorescentia spiciformis 12-14cm longa, rachi terete, robusta, ferrugineo-tomentosa, floribus 2-3 agglomeratis, agglomerato sparso, involucrato, involucro 4-bracteato, bracteis ovatis, membranaceis, pilosis, ca. 1,5cm longis, 0,7cm latis. Alabastrum globosum 0,5-0,6cm longum, ferrugineo-tomentosum, clausum, ante anthesim integerrimum, demum in lobos 5, aequales, disepalum; disco cupuliforme glabro. Fructus globosi, ferrugineo-tomentosi, ca. 1,5 alti, calyce persistente, lobis erectis, acutis.

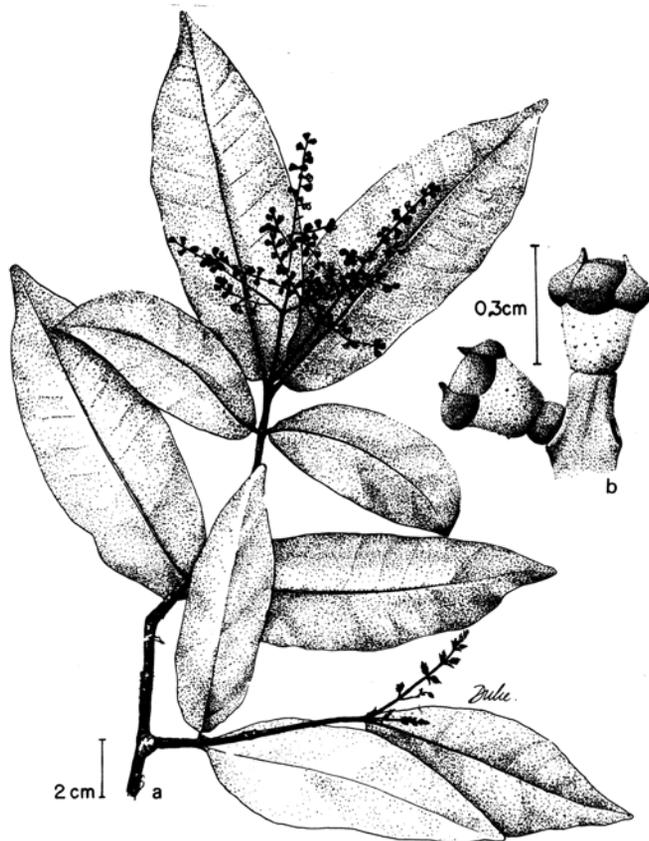


Fig. 5 – *Myrcia riococensis*: a. hábito; b. botões florais (D. Sucre 8269).

Holotypus – Espírito Santo, Linhares, Reserva Florestal da CVRD, 31.I.1972, fl. D. **Sucre** 8320, RB. *Isotypi* RB, RBR.

Paratypi – Ibidem, estrada da Gávea km 14.532, 30.XI.1982, fl. I.A. **Silva** 366, CVRD, RBR; Ibidem, estrada X-1, próximo a torre, 2.XI.1986, fl. fr. **A.L. Peixoto & O.L. Peixoto** 1730, RBR. Bahia, Una, estrada que liga a BR 101 (São José) com a BA 265, 6.IV.1978, fr. **S. Mori, J.L. Hage & A. Lourtaig** 9846, CEPEC, RB.

Árvore com 6-12m de altura, fuste cilíndrico de ritidoma liso, esfoliante em lâminas membranáceas, avermelhadas, diâmetro à altura do peito 8-10cm, diâmetro da copa ca. 3m; ramos cilíndricos, com catáfilos superpostos, invaginantes, que se desprendem em lâminas estreitas superpostos, membranáceos, ferrugíneo-tomentosos no dorso, glabros e glandulosos na face ventral, de ca. de 13cm de comprimento. Folhas oblongas, com ápice abruptamente acuminado, acumem com 1,5-2cm de comprimento, base arredondada, com 15-25cm de comprimento e 7-11cm de largura, discoloros, coriáceas, de glabrescentes a pilosas, sendo os pêlos dibráquiados, caducos; nervura média aplanada na face ventral, densamente glandulosa e com pêlos esparsos na face dorsal, atenuada em direção ao ápice, nervuras laterais 20-35 pares, muito finos, deprimidos na face ventral, levemente proeminentes no dorso, nervuras intersecundárias mais tênues que as laterais, laxamente reticuladas. Pecíolo plano-convexo, robusto com ca. de 1,2cm de comprimento. Inflorescência espiciforme com 12-14cm de comprimento, com raque cilíndrica, robusta, ferrugíneo-tomentosa; flores 2-3 aglomeradas, aglomerado esparsos, involucrado, com involúcro de 4 brácteas ovais, membranáceas, com ca. de 1,5cm de comprimento de 0,7cm de lagura, pilosas no dorso; botão floral globoso, com 0,5-0,6cm de comprimento, ferrugíneo-tomentoso, integérrimo antes da antese, na antese fendido regularmente, até a porção superior do ovário, em 5 lobos coriáceos radiais, iguais entre si, glabros na face ventral, ferrugíneo-tomentosos no dorso, com ca. de 0,3cm de comprimento; disco cupuliforme mais ou menos profundo e glabro. Frutos globosos, ferrugíneo-tomentosos a glabrescentes com ca. de 1,5cm de comprimento, com lobos caliciniais persistentes, eretos.

Marlierea sucrei Barroso & Peixoto é uma espécie ímpar, que não mostra afinidades com outra espécie de Myrtaceae conhecida. O botão floral aberto na antese em 5 lobos caliciniais regulares, não é característica muito comum entre as *Marlierea*. Desde 1972, quando pela primeira vez foi observada chamou a atenção a singularidade da espécie e, desde então não se pouparam esforços para identificá-la. Entretanto só agora decidiu-se por classificá-la, após a análise de vários exemplares de herbário e observações de espécimes vivos no campo.

A espécie é encontrada com freqüência no estrato arbóreo inferior da mata de tabuleiro. É conhecida pelo nome comum “Araçá-coelho” e facilmente reconhecida, no campo, mesmo quando estéril, pelas folhas de grandes dimensões e pelos catáfilos castanho-escuros, pêndulos, nos ápices dos ramos.

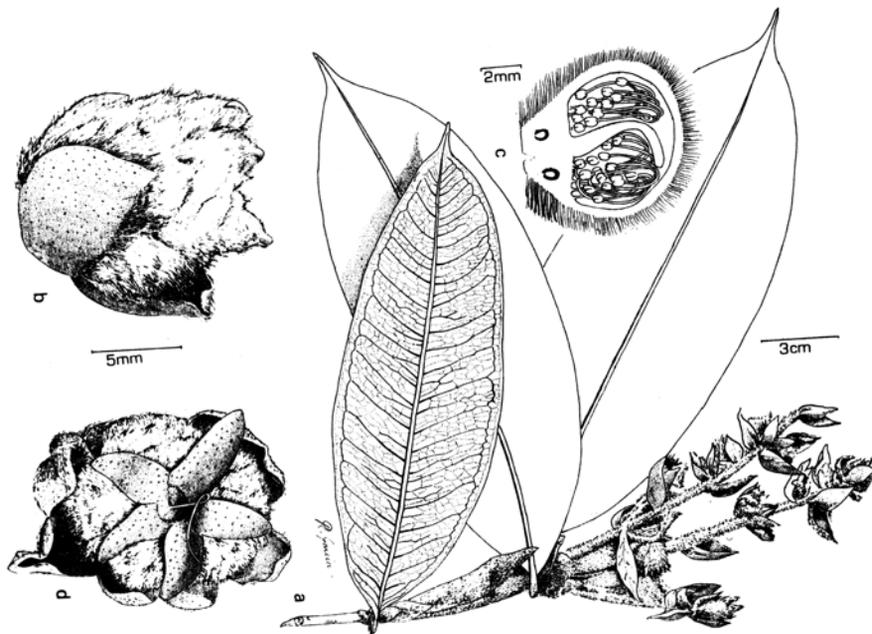


Fig. 6 – *Marlierea sucrei*: a. habit; b. botão floral; c. corte esquemático do botão floral; d. fruto (D. Sucre 8320).

Referências Bibliográficas

- BERG, O. 1857-1859. Myrtaceae. *In*: C.P.F., MARTIUS, *Flora Brasiliensis* 14(4): 28-38; 60-208.
- MC VAUGH, R. 1969. The botany of the Guayana Highland – Part VIII. *Mem. New York Bot. Gard.* 18(2): 55-286.
- PEIXOTO, A.L. & A. GENTRY, 1990. Diversidade e Composição Florística de um Trecho de Mata Alta na Reserva Florestal de Linhares, Espírito Santo, Brasil. *Rev. Brasil. Bot.* 12: (no prelo).